

Mediação de leitura: a importância da reflexão sobre a prática

Reading mediation: the importance of reflection on practice

Gabrielly Sierra Batista ¹

RESUMO

Este estudo aborda a relevância da reflexão sobre a prática de mediação de leitura como uma forma de aprimoramento dessa ação. Tendo por base os pressupostos teóricos de Larrosa-Bondía (2002), Bajour (2012), Petit (2013) e Reyes (2014), e com o objetivo de compreender o que é a mediação sob o ponto de vista do(a) mediador(a), qual o sentido atribuí à mediação e como a sua reflexão sobre a prática se relaciona com o seu desempenho durante a mediação de leitura, nos ancoramos nos saberes experienciais e teóricos de três mediadoras elucidados por entrevista e pela observação de quatro práticas de mediação de leitura com dois grupos de crianças (4-6). Tais observações contemplaram observar outro mediador e se observar enquanto um mediador elencando os elementos que favoreceram e os que poderiam ser melhorados na mediação. Assim, concluímos que a mediação de leitura é uma ação relacional que sempre se renova e se desenvolve de acordo com o vínculo entre as pessoas nela envolvidas, indo muito além do encontro pontual entre mediador, livro e mediados. Desse modo, constatamos que a reflexão apoia e dá recursos para o mediador melhor desempenhar o seu papel na medida em que envolve o pensar acerca da ação envolvendo todas as condições sociais que ela ocorre.

Palavras-chave: leitura; mediação de leitura; mediador.

ABSTRACT

This study focuses on the importance of reflecting on the practice of reading mediation to improve it. Drawing from the theoretical frameworks of Larrosa-Bondía (2002), Bajour (2012), Petit (2013), and Reyes (2014), we aim to understand the mediator's perspective on mediation, the meaning attributed to mediation, and how reflecting on the practice can improve performance during reading mediation. To achieve this, we interviewed and observed an educator and two librarians, and analyzed four reading mediation practices with two groups of children (ages 4-6). The observations included watching other mediators and observing oneself as a mediator, noting the elements that facilitated or hindered the mediation. Based on our findings, we conclude that reading mediation is a relational action that is constantly evolving and depends on the relationship between the people involved, extending beyond the specific encounter between mediator, book, and the person being mediated. Reflection supports and provides resources for the mediator to better perform their role by considering the social conditions in which the mediation occurs.

Keywords: reading; reading mediation; literacy mediator.

Submetido em: 13 abr. 2024

Aprovado em: 29 abr. 2024

¹ Mestre em Educação e Formação com especialização em Desenvolvimento Social e Cultural pelo Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (IE-UL). Licenciada em Ciências da Educação pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra (FPCEUC). Pós-graduanda em Literatura Infantil e Juvenil: da Composição à Educação Literária pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-2282-2813>. E-mail: gabriellysierra@gmail.com.



1 INTRODUÇÃO

Dada a relevância da formação de leitores ativos e críticos como fundamental para o exercício da cidadania (Petit, 2013), a mediação de leitura se insere como um importante elemento para o desenvolvimento de aprendizagens que contemplem o desenvolvimento integral de cada educando. Nesse sentido, a Base Nacional Curricular Comum reconhece as experiências com a literatura proporcionadas pelo educador e pelo mediador como ações que favorecem o desenvolvimento do gosto pela leitura, estimulam a imaginação e ampliam o conhecimento e a leitura do mundo, consolidando o direito de cada criança se expressar como um sujeito dialógico, e por meio de diferentes linguagens, seus pensamentos, necessidades, sentimentos e descobertas.

Assim, através do diálogo, da escuta e do acesso aos livros, a mediação de leitura tem se consubstanciado como uma forma de oportunizar essas aprendizagens. Pelo que se justifica a relevância em investigar essa prática no sentido de perceber e documentar o seu funcionamento, suas possibilidades e pensar em ainda outras formas de aprimoramento. Dessa forma, nos debruçamos aqui na reflexão sobre a prática de mediadores de leitura com o objetivo de compreender o que é a mediação sob o ponto de vista das mediadoras, qual o sentido que atribuíam à mediação e como a reflexão do mediador sobre a prática se relaciona com o seu desempenho durante a mediação de leitura.

2 A MEDIAÇÃO DE LEITURA E O PAPEL DO MEDIADOR

Segundo Bajour (2012) falar sobre um texto é uma maneira de voltar a lê-lo pois, através da escuta e da apreciação das palavras dos outros, se dá a possibilidade de emergir um novo pensamento e enriquecer a própria leitura de mundo por meio das reafirmações e diferenças que surgem no diálogo em torno de um livro. A autora enfatiza que essa escuta empenhada e atenta se inicia desde o momento de seleção do texto que será lido, considerando que os textos desafiantes, abertos e provocadores de perguntas são favoráveis a essa prática dialógica. Complementar a isso, Petit (2013) reconhece a mediação de leitura como uma forma de dar vida aos livros e atribui a sua relevância especialmente no desenvolvimento do gosto pela leitura, na medida em que a mediação aproxima, acolhe e forma leitores.

Para a autora, a formação de leitores críticos se revela importante na medida em que reconhece a leitura e a literatura como elementos fundamentais para o exercício da cidadania, sublinhando a noção de que a literatura é um direito humano (Candido, 2004) e uma forma inesgotável de encontro com o Outro (Abdallah-Pretceille, 2010). Em sua pesquisa sobre o

papel das bibliotecas públicas e da leitura na luta contra os processos de exclusão para jovens de bairros desfavorecidos, Petit (2013) afirma que a leitura é potencialmente transformadora em diferentes campos da vida como, por exemplo, no percurso escolar e profissional e na própria maneira de habitar e perceber o local em que vive, pois, ao desafiar o leitor ao pensamento e a se colocar no lugar do outro, possibilita o surgimento de novas ferramentas para viver e pensar.

Se o fato de ler possibilita abrir-se para o outro, não é somente pelas formas de sociabilidade e pelas conversas que se tecem em torno dos livros. É também pelo fato de que ao experimentar, em um texto, tanto sua verdade mais íntima como a humanidade compartilhada, a relação com o próximo se transforma. Ler não isola do mundo. Ler introduz no mundo de forma diferente. (Petit, 2013, p. 43).

Para Anaya (2020), o ato de mediar é uma forma de promover encontros e criar vínculos e afetos por meio dessa interação. Neste cenário, o mediador se insere como aquele que cria as condições para que seja possível que um livro e um leitor se encontrem tornando-se ele próprio, em contextos de infância através da sua voz e do seu rosto, o texto por excelência (Reyes, 2014). Sobre sua prática e conduta, Bajour (2012) destaca de forma objetiva três elementos que configuram o papel do mediador, tais como a escuta apurada, o conhecimento profundo do texto mediado e assumir uma postura de aprendiz no processo de mediação.

Em relação a escuta, ela refere a capacidade do mediador de aprender a ouvir as vozes, os gestos e os silêncios dos seus leitores, reconhecendo que são válidos para a construção de sentido. O conhecimento profundo do texto elucida o objetivo e a intencionalidade da mediação, sugerindo ser essencial que o mediador tenha conhecimento do texto a ser mediado para que “[...] o fluxo da conversa não fique somente ao sabor da opinião espontânea”. (Bajour, 2012, p. 62). Dessa forma, deixa subjacente a necessidade das leituras prévias do texto a ser mediado e a noção da preparação do mediador. Por fim, a postura de aprendiz se traduz em assumir que não sabe tudo, reconhecendo a discussão sobre o texto como um momento de aprendizagem que se consolida por meio de operações mentais como inferir, argumentar, dialogar e refletir, seguro de que “sei algo e de que ignoro algo a que se junta a certeza de que posso saber melhor o que já sei e conhecer o que ainda não sei”. (Freire, 1996, p. 135).

Para além desses elementos, destacamos que cabe ao mediador ter a consciência de que sua voz e o seu corpo são seus instrumentos de trabalho, devendo este saber orientar a sua respiração, articulação, expressões faciais e os movimentos do corpo em função do texto e de acordo com os objetivos da leitura. Em sua pesquisa sobre mediação de leitura com bebês, Silva (2019) afirma que a respiração deve respeitar as sonoridades e pausas do texto e a

articulação deve apresentar clareza na distinção das consoantes e consciência do movimento dos lábios. Atuando ambas em conjunto da movimentação corporal para projetar um ritmo a leitura do texto, o que exige leituras prévias para encontrar os momentos de entonação, inspiração e expiração e pausas.

Do mais, ressaltamos a necessidade de o mediador ser um leitor apaixonado, visto que a sua relação com os livros é revelada na mediação e influencia a própria ação. Segundo Carneiro (2020), ao observar e analisar mediações de leitura em sala de aula, a autora constatou que professores que fizeram a leitura por prazer melhor captaram a atenção dos alunos, que se mostraram mais entusiasmados e participativos durante a mediação, quando comparado aos professores que leram por formalidade ou obrigação. Nesse sentido, podemos inferir a relevância do mediador ser ele próprio um leitor como uma ação que pode implicar no seu desempenho que envolve todos os elementos que vimos até aqui: a escuta, o conhecimento do texto, sua preparação vocal e corporal etc. Elementos estes que sugerem, tal como afirma Abramovich (1997), que a leitura de um texto não pode ser feita de qualquer jeito.

Quando se vai ler uma história para a criança, não se pode fazer isso de qualquer jeito, pegando o primeiro volume que se vê na estante... E aí, no decorrer da leitura, demonstrar que não está familiarizado com uma ou outra palavra (ou com várias), empacar ao pronunciar o nome dum determinado personagem ou lugar, mostrar que não percebeu o jeito como o autor construiu suas frases e ir dando as pausas nos lugares errados, fragmentando um parágrafo porque perdeu o fôlego ou fazendo ponto final quando aquela ideia continuava, deslizando, na página do lado. (Abramovich, 1997, p. 18).

Dessa forma, entendemos que a mediação se inicia muito antes do encontro concreto entre o mediador, o livro e os leitores – reconhecendo dos elementos da mediação, o livro como uma produção cultural que expressa um pensamento e difunde ideias através de uma linguagem artística que se converte num espaço de descoberta e experimentação (Necky, 2007), e os leitores como aqueles que vão se construindo críticos e criativos através da elaboração e atribuição de sentido às obras literárias (Petit, 2009). Assim, retornamos para a afirmação de Bajour (2012) acerca da escuta apurada, e reelaboramos ao reconhecer que a mediação se inicia para o mediador desde o momento de seleção do texto a ser mediado, envolvendo em seu processo de tomada de decisão a construção do seu objetivo de leitura, a leitura prévia do texto e a sua adequação para a mediação que se pretende realizar, bem como, a preparação e a exploração criativa da sua voz e do seu corpo para então chegar ao momento concreto da mediação.

Posto isso, podemos compreender a mediação de leitura como um encontro intencional orientado por objetivos que acontece entre o mediador, o livro e os leitores e que se concretiza

através da interação possibilitando vivenciar a leitura como uma experiência dialógica. Através de um conjunto de operações mentais que envolvem relacionar, inferir, comparar, associar e compreender, se desperta o pensamento crítico tão necessário para o enfrentamento da própria realidade, uma vez que tais diálogos concebem o estabelecimento de relações consigo mesmo, com outras pessoas e com o mundo ao redor promovendo a habilidade de ver além de si mesmo. Neste cenário, o mediador se insere como aquele que cria as condições para que esse encontro seja possível, fazendo recurso a sua voz e ao seu corpo para dar vida ao livro.

Sendo a mediação uma ação fundamentalmente dialógica entre o mediador, o livro e os leitores e de natureza essencialmente prática, isto é, ela existe, se desenvolve e se modifica na e através da prática, exigindo ao mediador uma quase constante disponibilidade e abertura para o surgimento do novo e ferramentas para lidar com o esperado e o inesperado, entende-se que o mediador surge como aquele que se expõe à experiência “com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco”. (Larrosa-Bondía, 2002, p. 25).

Segundo Larrosa-Bondía (2002) é experiência tudo aquilo que nos passa, nos acontece ou nos toca e, ao nos passar, acontecer ou tocar, nos forma e nos transforma. Para ele, o sentido formativo da experiência, ou o saber de experiência, se revela na relação que se estabelece entre o conhecimento e a vida humana, isto é, vai sendo adquirido de acordo com a forma com que cada sujeito responde ao que lhe acontece e como vai dando sentido a esse acontecer através do ato de pensar. Ao mesmo tempo, a experiência é “[...] um encontro ou uma relação com algo que se experimenta que se prova.”. (Larrosa-Bondía, 2002, p. 25) e requer um conjunto de atitudes que desautomatizam a ação.

Requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (Larrosa-Bondía, 2002, p. 24).

Nesse sentido, Larrosa-Bondía (2002) reconhece o sujeito da experiência como um sujeito exposto, um território de passagem onde aquilo que acontece provoca algum tipo de efeito, como um lugar de chegada para os acontecimentos ou, até mesmo, como o próprio espaço do acontecer. Para o autor, esse sujeito se define por sua abertura para o desconhecido e pela procura espontânea pelo novo, semelhante a postura de aprendiz apontada por Bajour (2012), vivenciando a experiência como se fosse a primeira vez. Do mais, é possível relacionar as ações mencionadas por Larrosa-Bondía (2002) como atitudes intrínsecas ao

mediador, tais como parar para pensar, para olhar e escutar aos outros, cultivando a arte do encontro e suspendendo o automatismo da ação.

Para Melo Neto (2011), a palavra “experiência” possui tanto um sentido geral, que remete para o conhecimento espontâneo que se adquire ao longo da vida, como um sentido técnico, entendendo a experiência como uma ação que envolve a observação e a experimentação. Para ele, o entendimento da experiência está muito próximo do sentido de prática devido a noção de reflexão sobre ela mesma que surge subjacente ao conceito. Do mais, acrescenta que a experiência pode ser também vista como um procedimento para o conhecimento de algo, evidenciando, assim como Larrosa-Bondía (2002), que da experiência se aprende, se forma e transforma, ação que se consolida por meio do pensamento.

Isto é, o pensar é aqui visto como uma forma de “dar sentido ao que somos e ao que nos acontece”. (Larrosa-Bondía, 2002, p. 21). É um pensar reflexivo intencional, orientado por um objetivo ou pela busca por uma solução de acordo com a natureza do problema a se resolver. Para Dewey (1959) e Freire (1996) esse pensar é uma ação emancipadora que permite aperfeiçoar coisas de forma sistemática e enriquecer o próprio sentido de mundo. Essa prática de reflexão caracterizada pela postura de questionamento pode ocorrer no decorrer da ação ou após seu acontecimento a partir de uma reconstrução mental sobre o ocorrido possibilitando, através da análise, a reestruturação dessa ação (Alarcão, 1996).

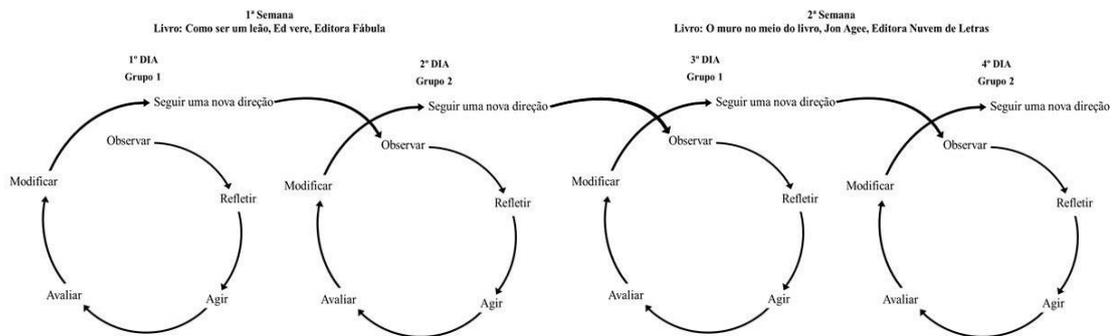
Posto isso, compreendemos que a reflexão sobre a prática surge aqui como uma ferramenta de aprendizagem e autoconhecimento para o mediador, pois a observação e o pensamento a respeito da prática, é o que principia a possibilidade da sua transformação, melhora ou experimentação de algo novo. Assim, reconhecemos que a reflexão sobre a prática aquando da mediação de leitura é fundamental na medida em que torna possível a aprendizagem e o seu melhor desenvolvimento. Para Freire (1972), “[...] a formação é um fazer permanente que se refaz constantemente na acção. Para se ser, tem de se estar sendo”. Ao concretizar esse pensar, o mediador abre espaço para se atentar à sua prática, conhecer seus leitores e provocar experimentações em mediações futuras.

3 METODOLOGIA

Esse estudo decorre do contexto de uma investigação realizada na Biblioteca Municipal Palácio Galveias, em Lisboa, Portugal, onde foram feitas quatro mediações de leitura para dois grupos de crianças (Grupo 1: 25 crianças 5-6 anos; Grupo 2: 21 crianças 4-6 anos), tendo por base o ciclo espiral da investigação-ação (Figura 1). Essa opção metodológica possui uma natureza essencialmente prática e reconhece a prática como uma

modo de ampliar o conhecimento acerca dela mesma. Desse modo, foi prevista a reelaboração, em cada sessão, das ações do mediador por meio da reflexão contínua sobre a prática e aqui procuramos elucidar esse processo na perspectiva das mediadoras.

Figura 1 - Ciclo espiral da investigação-ação (Mcniff; Whitehead, 2006) adaptado para as mediações de leitura.



Fonte: Batista (2023).

As mediações ocorreram em dias diferentes para cada grupo ao longo de duas semanas, com cerca de 1h de duração, e foram planejadas com base em estratégias de leitura (McGee; Schickedanz, 2007; Solé, 2004; Whitehurst, 2002). Na primeira semana foi mediado o livro *Como ser um leão* (Vere, 2021) e, na seguinte, *O muro no meio do livro* (Agee, 2020), os quais foram selecionados mediante a disponibilidade no acervo e a diversidade de configuração enquanto livros ilustrados. O espaço se organizou com as mediadoras de frente para o grupo que se dispunha sentados no chão durante as mediações.

Nesse sentido, o estudo enfatiza e detalha as experiências das mediadoras através dos diários de campo, grelhas de observação e entrevistas com os objetivos de compreender o que é a mediação sob o ponto de vista das mediadoras, qual o sentido que atribuíam à mediação e como a reflexão do mediador sobre a prática se relaciona com o seu desempenho durante a mediação de leitura. Assim, organizamos a apresentação dos dados, analisados com base em Bardin (2015), no intuito de fazer emergir uma possibilidade para definir a mediação de leitura enquanto um trabalho desenvolvido por educadores e bibliotecários com objetivos a princípio diversos, mas que convergem na apreciação e difusão da literatura como um meio de humanizar e formar integralmente o sujeito que com ela se encontra.

4 UMA POSSIBILIDADE DE DEFINIÇÃO: o que é a mediação?

As reflexões sobre o que seria a mediação surgiram aqui associadas a noção de construção de vínculo e partindo do entendimento da mediação como algo único e irrepetível

ao constatar diferença nas mediações de um mesmo livro. Inicialmente, sublinhamos que as mediadoras não conheciam os grupos que participaram das mediações, mesmo tendo sido solicitado às escolas, o encontro anterior às mediações não foi possível dada as limitações de tempo das educadoras das turmas. Desse modo, as observações em torno das mediações revelaram muito do vínculo que foi sendo estabelecido entre as mediadoras e as crianças, mostrando que quanto mais fortalecido, maior era a participação (Sierra Batista, 2023).

Este vínculo foi se desenvolvendo, sobretudo, após as mediações, quando as crianças exploravam livremente o acervo da biblioteca e havia uma maior aproximação e interação entre os envolvidos. Isto é, sentavam-se espalhados pela sala da biblioteca em pequenos grupos ou sozinhos, lendo em conjunto, decifrando as imagens, verbalizando suas expressões de forma natural e explorando as possibilidades de formas de leitura e do objeto livro. Nas observações, compreende-se como este momento de interação compensou os impedimentos impostos pelo cenário pandêmico em que foram realizadas as mediações, tais como o uso constante de máscara, impossibilitando a expressão facial das mediadoras, e o distanciamento físico.

A sua voz (da mediadora-investigadora) achei extremamente doce, foi pena não ter tirado a máscara, acho eu. Mas na altura era o que era, não tinha volta a dar. [...]. A interação no final foi excelente, acho que foi muito bom ter estado com os meninos e eles de fato também se aproximarem porque... os meninos daquela faixa etária são assim, eles ganham logo confiança e tem que tocar! Têm que tocar, abraçar, aquelas coisas. E eu acho que correspondeu bem a essa solicitação deles. (Mediadora-bibliotecária 1).

A noção de vínculo foi também observada nos desenhos feitas pelas crianças após as mediações, onde a mediadora- investigadora foi retratada sorrindo mesmo com o uso de máscara, como vemos na Figura 2. Assim, pudemos compreender a importância do estabelecimento de vínculo entre mediador e mediados para a ação propriamente dita. Isto é, para melhor exporem suas impressões, ideias e dúvidas acerca da narrativa e gerar o diálogo durante a mediação. Como também, compreendemos que o mediar é ele próprio uma forma de construir tais vínculos, deixando subjacente a noção de continuidade como necessária para que isso melhor se desenvolva.

Figura 2 - Desenhos feitos pelas crianças participantes após a mediação de leitura registrada pela mediadora-investigadora.



Fonte: Batista (2023).

Os livros que apresentavam características diferentes, visto que um fazia um importante uso das ilustrações para a compreensão da história e, o outro, um uso especial do texto para a construção de sentido, exigiam leituras distintas. No entanto, notamos pelas observações como as mediações de um mesmo livro foram diferentes para cada grupo. O que nos mostra o caráter experiencial da mediação de leitura pois a concebemos como algo que é sempre vivido como se fosse a primeira vez. Dessa forma, a mediação de leitura se torna um espaço para a experimentação do novo que emerge das perguntas e respostas diferentes que os leitores vão buscar e encontrar, da relação que o mediador tem com o livro e a forma como vai apresentá-lo e das próprias experiências, vivências e gostos de cada pessoa participante desse encontro, que vão influenciar diretamente nessa busca e atenção ao longo da mediação de leitura.

Na reflexão de uma das mediadoras acerca disto, percebemos como ela traz a noção de os próprios sentimentos do mediador serem elementos que influenciam a mediação e dão um caráter único para esse encontro desde a sua condução até o seu desenvolvimento, reconhecendo o mediar como uma ação relacional e flexível.

É sempre diferente, nunca há uma sessão igual porque eles dão sempre respostas diferentes, porque eu própria estou diferente neste dia e, se calhar também, a mediação que faço, e a maneira como os conduzo na atividade, também é diferente. Porque, assim, nós não somos robôs, basta eu estar um bocadinho mais triste ou estar um bocadinho... mais zangada até, não é? Que, se calhar, eu própria, sem me aperceber, faço de uma maneira diferente [...] O foco está sempre lá, mas nem as crianças e as turmas tem as mesmas vivências, e nós nunca sabemos muito bem o que é que temos a frente, o que é que nos vão responder, não é? (Mediadora-bibliotecária 2).

Por fim, destacamos que observar outro mediador e o desenvolvimento de outra mediação, tornou possível para as mediadoras-bibliotecárias um processo de releitura dos livros que foram mediados. Nesse sentido, houve uma mudança de percepção e relação que nutriam acerca de uma das obras literárias que fizeram parte do estudo, levando-as a pensar sobre o próprio hábito leitor.

O do Ed Vere é um livro que eu adoro, portanto, pra mim é uma excelente escolha! Eu gosto da mensagem que ele transmite. O do muro foi uma surpresa pra mim. Eu tinha já visto aquele livro em inglês e achei interessante colocá-lo na minha lista dos possíveis a adquirir. Mas, de repente, achei que aquilo era um livro que eu não... não me apetecia de todo pegar. Pensei naquele não abras este livro, não leias este livro, e achei que era mais do mesmo. E foi uma agradável surpresa! Porque... isso é um problema de fato, quando não gosto de um livro, não pego nele. E às vezes peço por isso. De repente, por exemplo, esse foi um deles, descobri e o achei fantástico! (Mediadora-bibliotecária 1).

Assim sendo, podemos compreender que a mediação envolve a construção de vínculos para o seu desenvolvimento e durante o seu acontecimento, se mostrando uma experiência de caráter único e irrepitível. O que vai exigir do mediador uma constante postura de abertura para o novo e flexibilidade para lidar com o que surge durante a ação sem perder o objetivo da mediação de vista. Dessa forma, ao retornarmos para a questão sobre o que é a mediação, tendo por base as reflexões em torno dessa ação, concluímos que a mediação é uma ação estritamente relacional, pois se fundamenta na interação e se desenvolve de acordo com o vínculo entre as pessoas nela envolvidas; e única e irrepitível, uma vez que sempre acontece como se fosse a primeira vez. Logo, a mediação de leitura vai além do encontro pontual entre mediador, livro e leitores.

4.1 Atribuindo Sentido à Mediação: porque mediamos?

O que eu depois gostei muito de perceber, e se dúvidas eu tivesse não teria mais, é que esse foi um momento muito positivo para as crianças. Porque o que eles trouxeram nas cadernetas no fim, na outra sessão, demonstra que chegaram lá mais do que aquilo que a gente pensava as vezes. (...) E de facto retrospectivamente consegue se perceber isso quando ela [professora] já na última sessão traz as cadernetas e diz “ah olha eles fizeram isso”. E isso agora aqui, já fora... eles quando voltaram, do segundo grupo, quando voltaram vieram ouvir a história e fazer a visita... no fim, já estávamos a andar para fora e uma menina disse assim “e a outra?” e eu disse “outra o que, querida?” Eu não estava lá a perceber o que ela queria e ela disse “a outra menina!” e eu disse “a [investigadora]?” e ela disse “sim!” e eu disse “a [investigadora] já não está cá” e ela “oh, então nunca mais a vamos ver?”. Ela lembrou-se! [...]. Portanto, de alguma forma... não sei... não sei o que é que ficou, mas, na segunda sessão já deu para perceber que sim, que alguma coisa lá tinha ficado. (Mediadora-bibliotecária 2).

Ao observarmos e analisarmos o desenvolvimento da reflexão sobre a prática antes, durante e após as mediações de leitura, percebemos como o pensar, enquanto uma atitude de atribuir sentidos a determinada ação, perpassou pela mediação de maneira ampliada. Isso porque, mesmo nos orientando pelos objetivos da mediação de acordo com o tema e as narrativas a serem trabalhadas, pensar a prática se dava também para além daquele contexto, pessoas e interações.

Nesse sentido, surgiram então as noções do mediar para apresentar e encantar para a leitura e a literatura. Isto é, o mediar que se funda no ler pelo prazer de ler, se distanciando de

uma atribuição de sentido unicamente utilitária. Nas palavras das mediadoras-bibliotecárias, a mediação encontra o seu sentido na apresentação da beleza de um livro e, simultaneamente, no estímulo do gosto pela leitura. Dessa forma, assumem que o impacto que emerge da mediação não é apenas manifesto, mas também latente, podendo surgir ao longo da vida e em coisas cotidianas. O que sugere tanto uma compreensão acerca da leitura e do contato com a literatura como, de fato, encontros que transformam e humanizam, mas também novamente a noção de continuidade como um elemento associado a mediação.

Tirar um livro e contar uma história é o que a família faz em casa. Agora, isso pode fazer a criança ganhar o gosto pela leitura? Pode, acho que sim, pode. Também a professora faz o mesmo, pega num livro, depois faz toda a exploração gramatical. Não é a nossa intenção, não é? Agora, nós temos que pegar num livro e mostrar a beleza do livro. (Mediadora-bibliotecária 1).

Um outro sentido atribuído à mediação foi o de aprendizagem na medida em que deixam subjacente a noção de que a prática de mediação é o que possibilita aprender mais acerca dela mesma. Isto é, mediamos para aprender mais sobre a mediação de leitura. O que fica evidente pela descrição das mediadoras-bibliotecárias acerca do tipo de relação que tinham com o público que frequentava a biblioteca, refletindo sobre o impacto dessa relação no desenvolvimento do seu trabalho.

Para elas, essa relação foi inicialmente caracterizada como impessoal e distante, impedindo a prática da mediação e, conseqüentemente, o desenvolvimento do trabalho naquele contexto, uma vez que se sentiam restritas ao atendimento rápido e pontual a quem ali chegasse a procura de determinado livro. No entanto, essa relação se altera ao longo das mediações, como notamos na reflexão feita por uma das mediadoras-bibliotecárias acerca da sua própria postura diante dessa situação. Ao pensar acerca do seu papel na investigação, que envolveu contactar escolas, surge uma nova possibilidade de mudança para o tipo de relação que existia. Isto é, a partir da reflexão sobre sua prática.

As escolas... O contato com as escolas é muito impessoal. Claro, depois tem impacto no nosso trabalho que poderia ser melhorado. Se as pessoas chamassem por nós. Se eles puxassem por nós, nós íamos melhorando cada vez mais porque, se já apresentamos isso desta maneira, a nossa tendência a seguir é subir a parada. (Mediadora-bibliotecária 1).

Nós nunca tínhamos trabalhado com aquelas professoras. E a coisa correu bem e elas até estão a voltar e agora já temos ali uma porta aberta, não é? Foi ali quase um quebra-gelo... Também nos provocou neste sentido porque, se calhar, nós estávamos também muito apáticas de não contactá-los. Não sendo nós a tomar essa iniciativa e aqui tomamos. Não foi para nós, mas tivemos de a tomar. E elas agora estão a vir por elas. (Mediadora-bibliotecária 2).

Por fim, na medida em que o momento de planeamento da mediação, bem como o da sua concretização, deram conta de aprofundar o conhecimento acerca do tema em que se

circunscreveu a escolha dos livros a serem mediados, o sentido de aprendizagem é novamente atribuído à mediação. Aqui, explicitamos que as mediações ocorreram no âmbito da educação intercultural delimitando a escolha dos livros a aqueles que tivessem narrativas que permitissem refletir acerca dos encontros interculturais e da identidade pessoal e coletiva como algo dinâmico. Neste cenário, foram feitas trocas e discussões com base na leitura de textos entre as mediadoras sobre a educação intercultural e o conceito de interculturalismo a fim de estabelecer objetivos coesos e claros para as mediações de leitura.

Dessa forma, a mediação se tornou um meio para o aprofundamento de um assunto, o que para as mediadoras-bibliotecárias é também visto como uma vantagem. Nos trechos a seguir é ainda possível notar como, enquanto mediadoras e leitoras, elas também refletiram acerca do modo como receberam a história, relacionando a aprendizagem de um novo assunto com a própria experiência. Assim, vão atribuindo um sentido ao ato de mediar que vai além do encontro pontual entre o mediador, o livro e os leitores, pois, ao refletir, direcionam o olhar para o novo ampliando a sua maneira de ver, aprender e compreender a mediação de leitura.

Teve a vantagem de, para mim, enquanto mediadora, ter ido saber um bocadinho mais sobre a diferença... o tema, o próprio tema. Fez-me usar tempo a pesquisar mais, a querer saber mais. (Mediadora-bibliotecária 2).

As vantagens era desmistificar alguns preconceitos, tentá-los diluir [...] O ser diferente, o ser aceito, o desconhecido. Como é que o muro [...] aquele livro é fantástico! A forma como o desconhecido nem sempre é mau, é sempre bom. Era simpático ter um projeto destes [...] valia a pena, o tema em si é ótimo e acho super atual, acho que os meninos ouvem falar disso a toda a hora, de diversas maneiras. E pronto [...] coisas que nós não tínhamos pensado que são atuais e vale a pena trabalhar. (Mediadora-bibliotecária 1).

Assim, podemos concluir que o sentido aqui atribuído à mediação se circunscreve nas intenções e nas aprendizagens. Enquanto uma ação realizada para mostrar a beleza de um livro e estimular o gosto pela leitura, fica subjacente a noção da mediação como uma ação coletiva e relacional, pois prevê a existência de um outro para além do livro. Já quando aprendizagem, a mediação é tida como um caminho para aprender mais sobre ela mesma, o que se dá através da prática deixando implícita a relevância da prática reflexiva como um meio de aprimoramento do ato de mediar. E também aprender sobre um determinado assunto, visto que se iniciando para o mediador desde o momento de seleção do livro, a mediação possibilita o aprofundamento do saber incentivando a pesquisa e a busca.

Dessa forma, reconhecendo a diversidade de experiências de mediação que podem gerar ainda novos sentidos para o mediar, sintetizamos que mediamos para apresentar e mostrar a beleza de um livro, mediamos para estimular o gosto pela leitura e pela literatura,

mediamos para aprender mais sobre a mediação e mediamos também para conhecer mais um determinado assunto antes, durante e após a mediação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Face a tudo o que foi exposto até aqui, pudemos compreender a importância da reflexão sobre a prática para o mediador de leitura na medida em que observar e pensar sobre a prática realizaram aprendizagens acerca da mediação e do ato de mediar. A reflexão deu espaço para o pensar sobre o lugar da leitura e da mediação num determinado contexto e os objetivos que perseguiam com ela. Assim, atribuir sentido para a mediação e buscar compreender o que se entende do conceito, se traduziu numa ação que deu recursos para o mediador melhor desempenhar o seu papel tendo em consideração todas as condições sociais em que a ação ocorre. Dessa forma, pudemos compreender como a reflexão do mediador sobre a prática se relaciona com o seu desempenho durante a mediação de leitura.

Tendo ainda os objetivos de compreender o que é a mediação sob o ponto de vista das mediadoras e qual o sentido que atribuíam à mediação, sublinhamos que este estudo nos permitiu esboçar uma possibilidade de definição para a mediação de leitura, a entendendo como uma ação de natureza essencialmente prática, estritamente relacional, de caráter único e irrepetível que se fundamenta na interação e proporciona a construção de vínculos entre os que nela se envolvem, considerando as condições sociais do contexto em que ocorre e indo muito além do encontro pontual entre mediador, livro e leitores. Reconhecendo os limites deste estudo, verificamos que o seu acontecimento tem razão na apresentação da beleza de um livro, no estímulo do gosto pela leitura e pela literatura, como também, para aprender mais sobre a própria mediação e para conhecer mais um determinado assunto ou tema.

Dessa forma, o mediador surge como quem, ao criar e desenvolver esse encontro com o livro e os leitores, assume uma postura de receptividade, flexibilidade e abertura para o novo que evidencia a sua disponibilidade para aprender com o texto e com os leitores em diálogo, sem deixar de lado os objetivos da sua mediação. Assim, percebemos que o mediador está envolvido num quase constante processo de reflexão, pensando desde o momento de seleção do livro até as perguntas e momentos de pausa nessa postura de aprendiz. Portanto, é um sujeito que articula sua prática através da reflexão sobre os seus objetivos e métodos, contexto e público a quem direciona sua ação a fim de ir reestruturando e renovando a mediação que realiza.

REFERÊNCIAS

- ABDALLAH-PRETCEILLE, Martine. La littérature comme espace d'apprentissage de l'altérité et du divers. **Revista Synergies Brésil**, São Paulo, n° spécial 2, p. 145-155, 2010. Disponível em: http://gerflint.fr/Base/Bresil_special2/abdallah_pretceille.pdf. Acesso em: 9 fev. 2024.
- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.
- AGEE, Jon. **O muro no meio do livro**. Lisboa: Nuvem de Letras, 2020.
- ALARCÃO, Isabel. Ser professor reflexivo. In: ALARCÃO, Isabel (org.). **Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão**. Porto: Porto Editora, 1996. p. 171-189.
- ANAYA, Juan Mata. Mediação, leitura e literatura. **Revista da Fundarte**, v. 42, n. 42, p. 01–21, 2020.
- BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura**. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2015.
- BATISTA, Gabrielly Sierra. **Educação intercultural em uma biblioteca municipal: caminhos através da mediação de leitura do livro ilustrado**. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação e Formação - Área de Especialidade em Desenvolvimento Social e Cultural) – Instituto de Educação, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2023. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/56894>. Acesso em: 29 abr. 2024.
- CÂNDIDO, Antônio. **O direito à literatura e outros ensaios**. Coimbra: Angelus Novus Editora, 2004.
- CARNEIRO, Ana Paula. **Hora da leitura: mediação e formação de leitores literários**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/193995>. Acesso em: 9 fev. 2024.
- DEWEY, John. **Como Pensamos**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1972.
- LARROSA-BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n.19, p. 20-28, 2002.
- MCGEE, L. M.; SCHICKEDANZ, J. A. Repeated interactive read-alouds in preschool and kindergarten. **Newark: The Reading Teacher**, v. 60. n. 8, p. 742–751, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1598/RT.60.8.4>. Acesso em: 9 fev. 2024.

MCNIFF, J.; WHITEHEAD, J. **All you need to know about action research**. Thousand Oaks: Sage, 2006.

MELO NETO, José Francisco. Educação popular e “experiência”. **Contexto e Educação**, n. 85, p. 31-50, 2011.

NECKY, Barbara Jane. **Texto e Imagem**: um olhar sobre o livro infantil contemporâneo. 2007. Dissertação (Mestrado em Design) - Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.10052>. Acesso em: 12 fev. 2024.

PETIT, Michele. **Leituras: do espaço íntimo ao espaço público**. São Paulo: Editora 34, 2013.

PETIT, Michele. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

REYES, Yolanda. Mediadores de leitura. In: FRADE, Izabel; VAL, Maria do Carmo; BREGUNCI, Marilena (org.). **Glossário CEALE** - termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para educadores. Belo Horizonte: Faculdade de Educação, 2014. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/mediadores-de-leitura>. Acesso em: 9 fev. 2024.

SIERRA BATISTA, Gabrielly. a mediação de leitura do livro ilustrado como processo de educação intercultural na primeira infância . **Revista da FUNDARTE**, [S. l.], v. 55, n. 55, 2023. DOI: 10.19179/rdf.v55i55.1210. Disponível em: <https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/view/1210>. Acesso em: 29 abr. 2024.

SILVA, Kenia Adriana de Aquino. **O nascimento do pequeno leitor**: mediação, estratégias e leitura na primeiríssima infância. 2019. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/181338>. Acesso em: 12 fev. 2024.

SOLÉ, Isabel. **Estrategias de lectura**. 15. ed. Barcelona: Graó, 2004.

VERE, Ed. **Como ser um leão**. Lisboa: Fábula, 2021.

WHITEHURST, Grover. **Dialogic reading: an effective way to read aloud with young children**. 2002. Arlington: Reading Rockets. Disponível em: <https://www.readingrockets.org/article/dialogic-reading-effective-way-read-aloud-young-children>. Acesso em: 9 fev. 2024.